



VASCONCELOS, Teresa. Clarice Lispector e Deus: descobrir a fonte. In: **Revista Épicas**. Ano 5, Número Especial 4, Mar 2021, p. 14-26. ISSN 2527-080X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021vNE4>

CLARICE LISPECTOR E DEUS: DESCOBRIR A FONTE
CLARICE LISPECTOR AND GOD: DISCOVERING THE SOURCE

Teresa Vasconcelos¹
Escola Superior de Educação de Lisboa
Movimento Internacional do Graal

RESUMO: Este artigo refere-se à transcrição da comunicação realizada pela Dra. Teresa Vasconcelos por ocasião do I Seminário Internacional de Religião, Arte e Literatura, promovido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e a Universidade de Lisboa, em 18 de novembro de 2020. Teresa Vasconcelos explora a busca de Deus nos escritos de Clarice Lispector, valorizando sempre o feminino, a epifania, a compaixão e a humanização em sua profunda espiritualidade. Conclui que a procura por Deus sempre esteve no cerne da existência de Clarice e a compara às místicas Teresa de Ávila, Doroty Day e Ety Hillesum.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Mística. Espiritualidade.

ABSTRACT: This article refers to the transcript of the communication made by Dr. Teresa Vasconcelos on the occasion of the 1st International Seminar on Religion, Art and Literature, promoted by the Lusophone University of Humanities and Technologies and the University of Lisbon, on November 18, 2020. Teresa Vasconcelos explores the search for God in the writings of Clarice Lispector, always valuing the feminine, epiphany, compassion and humanization in Clarice's deep spirituality. She concludes that the search for God has always been at the heart of Clarice's existence and compares Clarice Lispector to the mystics Teresa de Ávila, Doroty Day and Ety Hillesum.

Keywords: Clarice Lispector. Mystic. Spirituality.

¹ Doutorada pela Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, (EU), professora coordenadora principal, com agregação (aposentada) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. E-mail: t.m.vasconcelos49@gmail.com

Introdução

Clarice Lispector: uma figura “solar”

No centro do nosso ser há um ponto (...) de pura verdade, um ponto, uma faísca que pertence inteiramente a Deus (...). Esse pontinho ‘de nada’ e de *absoluta pobreza* é a pura glória de Deus em nós. É por assim dizer, o seu nome escrito em nós, como nossa pobreza, nossa indignação, nossa dependência... É como um diamante puro brilhando com a luz invisível do céu (...). É simplesmente uma dádiva. Mas a porta do céu está em toda a parte. (THOMAS MERTON, *Conjectures of a Guilty Bystand*)

Esta citação de Thomas Merton² coloca-nos no patamar sobre o qual pretendo explorar um aspecto essencial da vida e obra escrita de Clarice Lispector: a busca de Deus.

Clarice Lispector (Clarice) (1922-1977)³, a grande escritora e jornalista brasileira – considerada a maior escritora judia depois de Kafka - é originária da Ucrânia de onde os seus pais partiram, tinha Clarice dois meses e meio, para fugir aos *progroms* contra os judeus. A sua mãe fora violada e contraíra sífilis. Clarice, a terceira filha, nasceu da esperança que a gravidez e o parto curassem a mãe (de acordo com a tradição ucraniana). Tal não aconteceu e a sífilis foi destruindo Mania (nome da mãe) física e psicologicamente. Os seus pais instalaram-se com as três filhas em Alagoas e depois no Recife. O seu biógrafo Benjamin Moser (2009) relata que Clarice nunca ultrapassou a “culpabilidade” de não conseguir salvar a mãe (que morreu prematuramente,). Aos 17 anos Clarice muda-se para o Rio de Janeiro. Tornara-se uma jovem de rara beleza, de uma beleza exótica e plena de mistério, as maçãs do rosto salientes, os olhos um pouco rasgados, traços bem eslavos. “Sou tão misteriosa que não me entendo”, afirma.



Figura 1: A jovem Clarice Lispector

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/485896247267325780/>

² Thomas Merton (1915-1968) foi um monge trapista e escritor americano, que, no final da sua vida, esteve envolvido no diálogo inter-religioso.

³ Chaya Pinkhasovna Lispector foi o nome que recebeu ao nascer.

No Rio escolhe estudar direito em virtude da “[sua] sede de justiça”: “exalava verdades pelos poros”, relata a sua amiga Olga Borelli (1981); afirmava:” os problemas de justiça social despertam-me um sentimento tão básico, tão essencial, que não consigo escrever sobre eles. Não há o que dizer, basta fazer”. (cit. in: Olga Borelli 1981); a propósito da sua escolha do curso de direito confessa ainda: “Eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta!” (ibid.)

Casa cedo com um diplomata, Paulo Gurgel Valente, tendo vivido em diferentes países conforme o percurso da carreira do marido. Portanto ao longo de quase 20 anos viveu fora do Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Sempre se considerou cidadã brasileira apesar de muitos a considerarem uma “estrangeira” por causa da sua origem ucraniana e do seu forte e gutural sotaque. Rejeitava esse epíteto. Moser (2009) considerava-a uma “figura mítica” e, pessoas que a conheceram de perto, referiam que ela irradiava ou mesmo assumia uma aura misteriosa e algo distante.

Aos 24 anos, escreve o seu primeiro livro *Perto do Coração Selvagem* (1943), tornando-se uma revelação no meio literário brasileiro. Cedo se torna também mãe de dois rapazes.



Figura 2: Clarice Lispector - assinatura

Fonte: <https://www.biblioguarulhos.com.br/2017/07/respeito-muito-o-homem-que-chora-por.html>

A vida não a poupou a inúmeras tragédias pessoais, para além da atribulada infância: seu filho mais velho foi diagnosticado com uma esquizofrenia. Já divorciada e regressada ao Rio, um dia adormece com um cigarro aceso na mão. Rapidamente o fogo se estende aos cortinados e, ao tentar arrancá-los, queima gravemente as mãos que ficaram para sempre com cicatrizes. Posteriormente o amado cão Ulisses agride a sua face com violência, rasgando-a. Passa por várias operações plásticas até recuperar alguma da sua beleza.

Trabalha como colunista no Jornal do Brasil tornando-se conhecida e com grande sucesso as suas crônicas semanais que originavam vendas maiores no dia em que as publicava (*A Descoberta do Mundo: Crônicas* 1984/2013). Escreveu oito romances, seis livros de contos, uma novela, crônicas e cinco livros infantis.

Clarice adoece com um cancro e morre prematuramente em 1977, aos 56 anos de idade. Tinha uma vocação solar, apaixonada, inteira: “Vamos não morrer como desafio?” (in: *Água Viva*). A sua obra não morreu: em Portugal praticamente todos os seus livros, crônicas e mesmo a biografia de Moser, estão publicados e com significativa divulgação. Em 2020 Clarice fez 100 anos e por isso a celebramos com orgulho e admiração, especialmente esta mulher portuguesa que se alimenta da obra de Clarice e que escreve o presente texto.

A escrita em Clarice: caminho de humanização

Para Clarice “escrever é uma indagação”. Não a podemos confinar a um único gênero literário - “não caibo em nenhum gênero”, afirma - mas tem consciência da importância da sua escrita: “Eu já nasci incumbida!”, afirmando: “Eu quero atingir o mais íntimo segredo daquilo que existe. Estou em plena comunhão com o mundo” (...). “O milagre é a simplicidade última de existir” e a sua voz é “única e pessoal” (exposição *A Hora da Estrela*, Lisboa 2013).

A obra de Clarice tem carácter universal, está carregada de complexidade. Escreve “no feminino”, porque valoriza exatamente a condição da mulher: as compras, a cozinha, o cuidado pela casa, o quarto da empregada (*A Paixão segundo GH*), o cão, o ovo que vai ser estrelado. De um modo claramente introspectivo escreve sobre o trivial, o quotidiano, levando a descrição de um determinado momento ao detalhe: a observação de uma barata; do ovo a ser estrelado; do saco de compras. São momentos únicos numa descrição como que em câmara lenta. Clarice não olha. Contempla. Desse processo emergem reflexões existenciais profundas e originais. É “a epifania das personagens comuns em momentos do quotidiano”, segundo um dos seus críticos.

Para Clarice, escrever “é uma maldição, mas uma maldição que salva” e clarifica: “eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida”. Afirma que “a escrita [a] humanizou”, e tem consciência do papel da sua escrita, como se se tratasse de uma “missão”: “Eu já nasci incumbida!”, insiste: “Eu quero atingir o mais íntimo segredo daquilo que existe. Estou em plena comunhão com o mundo (...)”. Em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* explicita: “Todo o erro dos outros e nos outros, é uma oportunidade para mim de amar”.

Vive a condição humana como “uma ferida aberta”: “viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos...” Glória Anzaldúa, uma conhecida antropóloga México-Americana, uma mulher que viveu entre duas culturas, reconhece-se numa “dolorosa presença ao mundo” (1987). Ouso afirmar que Clarice também viveu esta “dolorosa presença ao mundo”.

No entanto, Clarice vai dando visibilidade a um outro mundo possível. A escritora e ativista brasileira Rosiska Darcy de Oliveira explica: “A vida não enganava Clarice: por baixo dos factos, do enredo, borbulha a matéria misteriosa de que é feita a existência e é ela que emerge fulgurante em sua literatura vinda de atrás do pensamento”. E continua: “Inútil é tentar decifrá-la enrugando a fluidez do seu estilo, trazendo-a à força

para o território racional de que escapou pelas veredas da iluminação e da sensibilidade”. Diríamos que, para o leitor/a Clarice não explica: contempla. Por isso a sua leitura é por vezes apelidada de difícil e complexa.

“Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!” escreve nas suas *Crônicas*. Em *Um Sopro de Vida* explica: “O milagre é a simplicidade última de existir” e adianta: “Sim, a minha força está na solidão!”. No mesmo livro confessa: “Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos...” Clarice tinha uma vocação solar.

A sua escrita é “epifania” (segundo James Joyce) e é salvação: “Em cada palavra pulsa meu coração”. Escrever para ela é a procura da íntima veracidade da vida. E acrescenta: “Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro porque exatamente o disse e com que sinceridade (...). “Hoje repito: “É uma maldição, mas uma maldição que salva!” (in: *Um Sopro de Vida*, o seu último livro)

Escreve a propósito do sentimento de compaixão (cum-passio): “Ah! Envio meu anjo para aparelhar o caminho diante de mim. Não, não o meu anjo: mas a minha humanidade e sua misericórdia” (in: *A Paixão Segundo GH*). Explica de uma forma sublime numa crônica: “Um amigo me chamou para cuidar da dor dele, guardei a minha no bolso. E fui...”.

Conclui ainda numa das suas *Crônicas*: “...e descobri que não tenho um dia-a-dia. É uma vida-a-vida. E que a vida é sobrenatural”. Visualizamos desde já uma Clarice em busca de Deus. E o caminho para Deus faz-se de par com uma profunda humanização.

“O que me mata é o quotidiano. Eu queria só exceções” (*Um Sopro de Vida*). Ora é este quotidiano que é a linha inspiradora da sua escrita. É neste quotidiano que se inscreve a sua sede de Deus.



Figura 3: Frase de Clarice Lispector

Fonte:

https://cdn.pensador.com/img/frase/cl/ar/clarice_lispector_liberdade_e_pouco_o_que_eu_desejo_ain_ix0oqvn.jpg

Clarice tem consciência de que o caminho para uma humanização começa por si própria:

Se eu não me amar estarei perdida — porque ninguém me ama a ponto de ser eu, de me ser. Tenho que me querer para dar alguma coisa a mim. Tenho que valer alguma coisa? (in: *Um Sopro de Vida*)

Clarice: Uma inquieta de Deus

Clarice exprime a sua inquietação e ambivalência: “Eu não tenho fé em Deus. A sorte é às vezes não ter fé. Pois assim poderá ter a Grande Surpresa dos que não esperam milagres”. Já no seu primeiro livro *Perto do Coração Selvagem*, publicado originariamente em 1943, a ainda jovem escritora coloca na boca da heroína, Joana, as seguintes palavras finais:

Fechar os olhos e sentir como uma cascata branca rolar a inspiração. *De profundis* Deus meu, eu vos espero, Deus vinde a mim. Deus brotai do meu peito, eu não sou nada (...). Deus vinde a mim e não tenho alegria e minha vida é escura como a noite sem estrelas e, Deus, porque não existes dentro de mim? porque me fizeste separada de ti? (...) ah, Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir. (1944/2000 p. 199 e 202).

Confrontamo-nos desde o início da sua vida literária com a profunda espiritualidade da jovem Clarice. Ao referir e evocar o muito belo Salmo *De Profundis* (Salmo 129 [130]), cita:

Do fundo do abismo, clamo por vós, Senhor;
Senhor, ouvi minha oração.
Que vossos ouvidos estejam atentos

À voz de minha súplica.

Joana/Clarice conhece o fundo abismo e é daí que clama por Deus. Insisto que tinha Clarice apenas 24 anos!

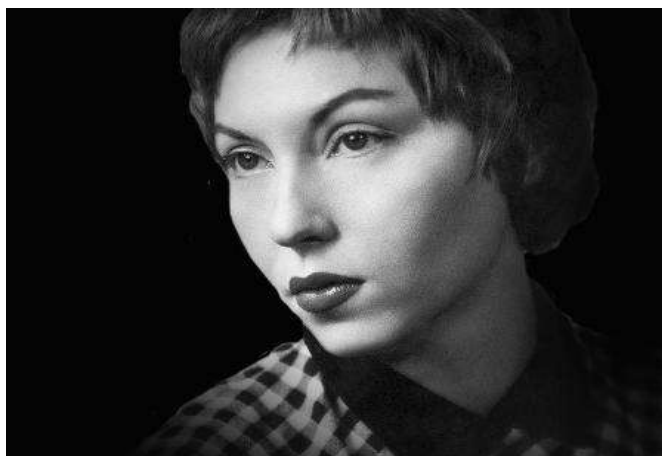


Figura 4: Clarice Lispector

Fonte: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/clarice-lispector---100-anos-do-nascimento-da-escritora.htm>

A imensa e dolorosa sensibilidade bem como o confronto com os seus próprios limites e inseguranças, a alma sofrida e o sentido de contemplação tornam-na uma mística porque – ousou afirmar – a procura de Deus estava no cerne da sua existência. O movimento da vida de Clarice “enquanto escritora e enquanto

mística é em direção a Deus”, afirma o seu biógrafo, Benjamim Moser. Uma amiga afirma: “os olhos tinham o brilho baço dos místicos”.

A relação de Clarice com Deus é complexa e contraditória. Por isso afirmo que Clarice foi desde sempre uma inquieta de Deus: “Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito (...)” e “é por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço”. Não podemos esquecer as origens de Clarice no judaísmo, com uma mística muito própria que ela “bebeu” de seu pai, um devoto judeu com quem se identificou profundamente.

Considerações Finais

E a Fonte?

Clarice veio de um MISTÉRIO, partiu para outro...ficamos sem saber a essência do mistério... Ou o mistério não era essencial, era CLARICE viajando nele... era Clarice bulindo no fundo mais fundo, onde a palavra parece encontrar a sua razão de ser, e retratar o [ser humano].(Carlos Drummond de Andrade)

Clarice viajando em busca da Fonte. Afirma, no final da sua vida: “Eu não sou senão um estado potencial, sentindo que há em mim água fresca, mas sem descobrir onde é a sua fonte”: a Fonte, Deus, sempre num além inominável. É nos seus últimos livros que tal busca se torna mais premente (*Hora da Estrela e um Sopro de Vida*)

Clarice afirma, no final da sua vida: “Eu não sou senão um estado potencial, sentindo que há em mim água fresca, mas sem descobrir onde é a sua fonte” (de uma carta para Lúcio Cardoso).

Ouso afirmar que a mística busca do transcendente coloca Clarice Lispector perto do *Castelo Interior* de Teresa de Ávila: a *Sétima Morada* de Teresa descreve a fusão das velas numa única chama (experiência mística) ... e posterior separação das velas... até ao encontro total com Deus. Trata-se da mesma busca da Fonte.



Figura 5: Teresa de Ávila, Rubens (1615)

Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Teresa_of_Avila_dsc01644.jpg

Dorothy Day (1897-1980), ela própria uma mística em processo de santificação, afirma que Teresa de Ávila era “uma mística e uma prática”: entre tachos e panelas se pode experimentar Deus, afirma Teresa... Júlia Kristeva, na sua reconhecida obra *Thérèse, Mon Amour* (2008), considera que Teresa trouxe universalidade ao misticismo a partir da narrativa da sua experiência teológica muito peculiar:

A palavra *mística* espraia-se com força e brilho: não designa já um escondido inacessível, mas convida o escondido a manifestar-se, os tormentos da carne e do espírito a fazerem-se à luz, e a seduzir. O *corps verum* – A Paixão de Cristo a que me uno – deixa de ser um segredo protegido. Pela graça dos místicos e da Igreja que os consagra, torna-se uma sedução universal. *A experiência de Teresa tem lugar neste contexto.* (2008, p. 62)

É nesta “universalidade do misticismo” que inscrevo uma significativa parte da obra de Clarice, a que nem sempre se tem prestado a devida atenção. A Clarice mulher escritora e mística come a barata numa contemplação final deste inseto desprezível: “Oh meu Deus, eu me sentia batizada pelo mundo (...). E entregando-me com a confiança de pertencer ao desconhecido. Pois só posso rezar ao que não conheço” (in: *A Paixão Segundo GH*). Segundo o seu biógrafo Benjamim Moser era este “o sentido universal das suas experiências particulares”.

Dorothy Day afirma: “Devemos viver esta vida agora. A morte não muda nada. Se não aprendermos a desfrutar de Deus agora, nunca iremos aprender”. E acrescenta, no final da sua autobiografia: “Eu rezo porque sou feliz... Tudo é Graça”. Viveu num dos mais pobres bairros de Nova Iorque, no tempo da Grande Depressão, no meio de um trabalho intenso e com a casa literalmente aberta a quem precisava de abrigo. Foi aí que Dorothy aprendeu a viver a espiritualidade mais profunda no contexto da comunidade diversa na qual se movimentava. Escreveu: “Todos conhecemos a longa solidão e aprendemos que a única solução é o amor, e que o amor vem com a comunidade”. E citava um frade dominicano: “A esperança é a virtude da noite”.



Figura 6: Dorothy Day

Fonte: <https://richardpatterson.files.wordpress.com/2013/02/dorothy-day.jpg>

Diz Clarice: “Meu Deus (...) faça com que a solidão não me destrua. Faça com que a solidão me sirva de companhia.” (in: *Um Sopro de Vida*)

Outra mística dos tempos de hoje é Etty Hillesum (1914-1943), uma mulher, judia como Clarice.

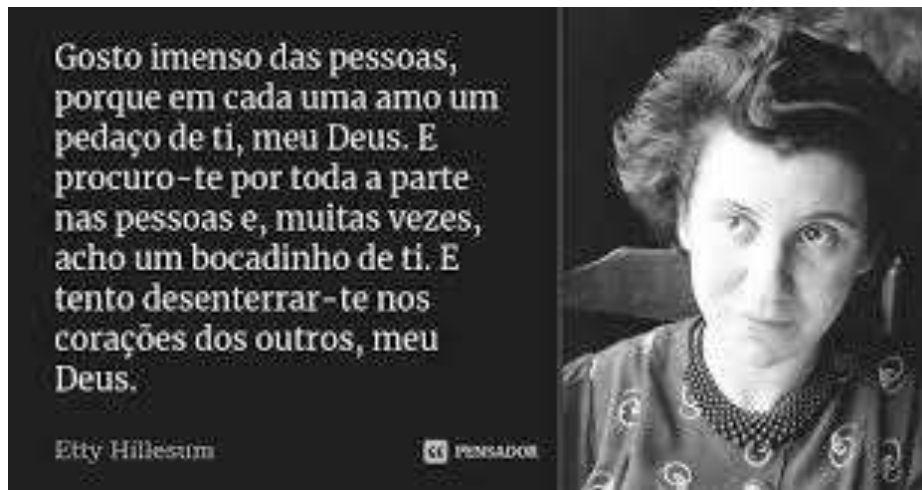


Figura 7: Frase de Etty Hillesum

Fonte: https://mensagem.online/autor/etty_hillesum

Em busca de Deus, esta jovem intelectual holandesa viveu o inferno do Holocausto aprendendo, depois de um processo terapêutico/psicanalítico a encontrar Deus como centro da sua vida.



Figura 8: Etty Hillesum

Fonte: <https://cl.org.br/not%C3%ADcias/atualidade/2020/10/29/os-ceus-dentro-de-mim-etty-hillesum-entrepastos>

Etty morre em Auschwitz, depois de ter passado muito tempo a apoiar outros judeus no campo de concentração de Westerbork (Holanda) onde escreve parte do seu conhecido *Diário*: “(...) mesmo que só nos reste uma rua estreita, por onde teremos de caminhar, por cima da rua existe, porém, o céu inteiro”. Repete noutro momento: “Mesmo num campo à guarda das SS, acho que irei sentir-me sempre nos braços de Deus. E pode ser que me consigam arrasar fisicamente, mas mais do que isso não” (p.249). Finalmente a 11 de Julho de 1942 afirma/reza: “E se Deus não me ajudar mais, nesse caso hei-de eu ajudar a Deus”.

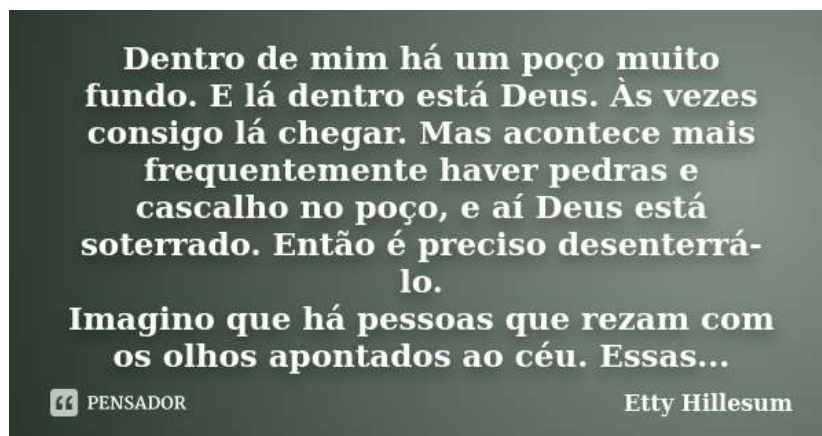


Figura 9: Frase de Etty Hillesum

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTY5OTY4Ng/>

Clarice escreve:

Fiz o que era mais urgente: uma prece. Rezo para achar o meu verdadeiro caminho. Mas descobri que não me entrego totalmente à prece, parece-me que sei que o verdadeiro caminho é com dor. Há uma lei secreta e para mim incompreensível: só através do sofrimento se encontra a felicidade. Tenho medo de mim pois sou sempre apta a poder sofrer (in: *Um Sopro de Vida*). Mas explicita: “A prece profunda não é aquela que pede”.

E acrescenta:

Oh protegi-me de mim mesma, que me persigo (...). É tão bom ter a quem pedir. Nem me incomodo muito se eu não for totalmente atendida. (...) Eu peço a Deus tudo o que eu quero e preciso. É o que me cabe. Ser ou não ser atendida — isso não me cabe a mim, isto já é matéria-mágica que se me dá ou se retrai. Obstinada, eu rezo. Eu não tenho o poder. Tenho a prece. (in: *Um Sopro de Vida*)

Ouso citar passagens dos Evangelhos a propósito de palavras escritas por Clarice:

A partir da Parábola do Semeador (Mt 13), evoco a escritora: “Plantou amor e não floresceu? É porque a terra não era fértil...” (*Crônicas*). Quando Cristo adverte os discípulos: “Sacudi a poeira das vossas sandálias” (Mt 10, 14) penso em Clarice: “Não desperdice mais sementes, plante em novos campos” (*Crônicas*).

Clarice confia e espera apesar das horas de longa escuridão: “Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito (...) É por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço.” (in: *A Hora da Estrela*)

Bendita seja a fé... que nos dá asas quando perdemos o chão (in: *Um Sopro de Vida*).



Figura 10: Clarice Lispector em sua última entrevista

Fonte: <https://odia.ig.com.br/diversao/televisao/2019/12/5838260-tv-cultura-homenageia-os-100-anos-de-clarice-lispector-com-especial.html>

Nos últimos anos da sua vida, ao lidar com a própria finitude, escreve pela boca de Macabéa, a pernambucana, a nordestina: “Em duas palavras, eu posso resumir tudo o que aprendo sobre a vida: ela continua” (in: *A Hora da Estrela*).

Um Sopro de Vida: pulsações, o seu último livro é, segundo um dos seus críticos, “um requiem de si mesma, um lamento”. Hospitalizada, escreve na sua caligrafia já trémula: “Eu sei que Deus existe. E adiante: Quando acabardes este livro chorai por mim **mais um aleluia** (...). No entanto eu já estou no futuro”. Trata-se de uma formulação extraordinária para falar da promessa de uma nova vida, de uma vida de plenitude, tão essencial aos cristãos.

Sedada, ainda ditava textos a sua amiga Olga Borelli:

Meu Deus me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. (...) Faça com que eu seja a tua amante humilde, entrelaçada a ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o **amor materno** que nutre e embala, Faça com que eu tenha a coragem de te amar sem odiar as tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo. Faça com que a solidão não me destrua. Faça com que a solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar. Faz com que eu saiba ficar com nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo. Receba em seus braços meu pecado de pensar... (in: *Um Sopro de Vida*).

Uma oração pungente e sublime, escrita numa situação-limite, em que assoma aos lábios de Clarice um Deus-mulher, materna e segura, algo que ela perdeu quando tinha apenas 10 anos de idade quando sua mãe morreu. Clarice fala ainda das suas tendências depressivas e do seu corpo mutilado pelos diversos acidentes que sofreu. Ao jeito de Teresa de Ávila pede a Deus “que eu seja a tua amante humilde, entrelaçada a ti em êxtase”. Até ao fim Clarice mantém a sua lucidez e o profundo encontro com a sua própria fragilidade.

O seu último desejo “Eu quero simplesmente isto: o impossível. Ver Deus! ouço o barulho do vento nas folhas e respondo: sim!” faz-me ousar dizer que Clarice buscou um “Deus caminhando na brisa da tarde”, como descreve o livro dos Reis numa passagem magnífica: “... Ouvia-se o murmúrio de uma brisa suave. Ao ouvi-lo, Elias cobriu o rosto com um manto” (1 Reis 19, 9-16).



Figura 11: Clarice Lispector

Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/08/interna_diversao_arte,761147/todas-as-cronicas-de-clarice-lispector.shtml

A Clarice dedico um poema do grande poeta português Herberto Helder, o poeta do Absoluto:

Raiz de Girassol

Tu que és em mistério a maior de todas, devoro-te.
Ajuda-me a subir e a subir e a subir, ajuda-me a atingir o cimo das montanhas.
ajuda-me a ser ágil,
ajuda-me, ó raiz de girassol, ajuda-me, tu que és em mistério a maior de todas.
devoro-te, ajuda-me a subir e a subir e a subir,
devoro-te.

Até sempre Clarice, minha irmã... no futuro!

Referências bibliográficas

- ANZALDÚA, G. *Borderlands La Frontera*. São Francisco: Spinster/Aunt Lute 1987.
- ÁVILA, T. *Obras Completas*. Paço de Arcos: Edições Carmelo, s.d.
- Borelli, Olga. *Clarice Lispector: Esboço para um Possível Retrato*. Brasil/Texas: Ed. Nova Fronteira, 1981.
- DAY, D. *A Longa Solidão*. Lisboa: Lucerna, 1952 (2019).
- FUNDAÇÃO C. Gulbenkian. *Catálogo da exposição A Hora da Estrela, 2013*.
- HILLESUM, E. *Diário 1941-1943*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008.
- KRISTEVA, J. *Thérèse, mon Amour*. Paris: Fayard, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo: Crônicas*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2013.
- LISPECTOR, Clarice. *A Maçã no Escuro*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2013.
- LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *O Lustre*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *A Cidade Sitiada*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1989.
- MERTON T. *Conjectures of a Guilty Bystand*. NY: Bantam Doubleday Dell Publishing Group Inc., 1966.
- MOSER, Benjamin. *Clarice Lispector: Uma vida*. Lisboa: Civilização, 2009.
- OLIVEIRA, R. Darcy de. *Perto de Clarice Lispector: Veredas atrás do pensamento*. Conferência na Fundação C. Gulbenkian (25 de outubro), 2013.
- SOUZA, José Neivaldo. *Clarice Lispector: Por uma teopoética de amor*. *Revista Ameríndia*., 2010.
- VASCONCELOS, T. Clarice Lispector e Deus. *Sete Margens*, 8 de Março, 2019.
- VASCONCELOS, T. "O Livro dos Prazeres" de Clarice Lispector em diálogo com o percurso de uma profissional de educação: Pensar a formação no feminino. *exaequo* , Novembro: 199-213, 2002.